

Estudos Psicométricos para a Adaptação e Validação do Strategies for Coping with Career Indecision (SCCI) Questionnaire em Contexto Português

Psychometric Studies for the Adaptation and Validation of the Strategies for Confronting Career Indecision (SCCI) Questionnaire in the Portuguese Context

Juliana Frainer¹ e Isabel Nunes Janeiro²

Resumo

Esta investigação tem como objetivo explorar as características psicométricas da adaptação portuguesa do Strategies for Coping with Career Indecision (SCCI) Questionnaire (Lipshits-Brazil et al., 2016a). A análise dos dados recolhidos com 998 estudantes de ensino superior de Portugal indicaram uma boa consistência interna, e as fracas correlações entre as subescalas assinalaram que as variáveis latentes medem diferentes construtos. A análise de cluster hierárquica realizada para explorar as interrelações da estrutura interna do SCCI agrupou os três itens que compõem cada uma das subescalas de estratégias para lidar com a indecisão, conforme o esperado. Contudo, os dados da análise fatorial confirmatória conduziram a um ajustamento satisfatório apenas no modelo restrito a fatores de primeira ordem (Modelo H3:42-14), sendo que a distinção hipotética entre os três principais estilos de confronto não foi suportada na amostra portuguesa. Implicações para a prática da psicologia vocacional e pesquisas futuras são abordadas.

Palavras-chave: indecisão de carreira, estratégias de coping, avaliação psicológica

Abstract

This study aims to explore the psychometric properties of the Portuguese version of the Strategies for Coping with Career Indecision (SCCI) Questionnaire (Lipshits-Brazil et al., 2016a). Analysis of data collected from 998 Portuguese college students indicated good levels of internal consistency. The weak correlations between subscales suggest that latent variables measure different constructs. The hierarchical cluster analysis, performed to explore the internal structure of SCCI Questionnaire, confirmed the groups of three items that comprise each subscale of strategies to coping with indecision. However, the confirmatory factor analysis data led to a satisfactory adjustment only for the model restricted to first-order factors, (Model H3:42-14). Furthermore, the hypothetical distinction between the three main coping styles was not supported in the Portuguese sample. Implications for the practice of vocational psychology and future research are addressed.

Keywords: career indecision. coping strategies. psychological assessment

Este artigo contou com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT e do Centro de Investigação em Psicologia (CiPSi), Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia, Pós-Graduada em Terapias Cognitivas. Aluna do Curso de Doutoramento Interuniversitário, Psicologia da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal. E-mail: frainer.juliana@gmail.com

² Psicóloga, Doutoramento em Psicologia. Professora Auxiliar. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal. E-mail: injaneiro@psicologia.ulisboa.pt

Introdução

As constantes transformações nas esferas sociais, económicas e tecnológicas, suscitam diferentes formas de interação social, redefinem interesses e geram incertezas e oportunidades (Skrbiš & Laughland-Booÿ, 2019). Este cenário de mudanças impacta, entre outros aspectos, as perspectivas das trajetórias de carreira (Kim, 2019) resultando frequentemente em estados de indecisão de carreira. (e.g., Gati & Kulcsár, 2021; Savickas, 2011).

A indecisão de carreira pode ser definida como a incapacidade para escolher uma meta de carreira e de se comprometer com ela (Gati et al., 1996) e tem sido apontada como um dos tópicos centrais de estudo na psicologia vocacional (e.g., Gati, et al., 1996; Holland & Holland 1977; Kelly & Lee, 2002; Savickas, 1995). Considerada como um constructo complexo e multidimensional, a indecisão de carreira pode assumir um papel adaptativo, pois permite uma reflexão sobre as diferentes alternativas para o desenvolvimento de carreira (Krumboltz, 2009; Savickas, 2011) mas pode também gerar elevados níveis de ansiedade e consequente sofrimento psicológico (Kang et al., 2020; Multon et al., 2001). E, o que antes era percebido como um dos desafios centrais da adolescência (Super, 1995), tem se mostrado um estado relativamente comum e gerador de grande preocupação também entre os jovens adultos e estudantes de ensino superior (Braunstein-Bercovitz et al., 2012).

Apesar de existir na literatura uma preocupação crescente sobre os diferentes aspectos relativos ao desenvolvimento de carreira (e.g., Barros, 2020; Janeiro, 2012; Janeiro et al., 2014), bem como, com os aspectos que envolvem a indecisão de carreira de estudantes de ensino superior (e.g., Braunstein-Bercovitz et al., 2012; Harren, 1979; Miller & Rottinghaus, 2014), pouca atenção tem sido direcionada para discutir as estratégias ou as práticas mais apropriadas para superar ou confrontar o estresse ou a ansiedade gerada pela indecisão de carreira (Boo & Kim, 2020). Para preencher esta lacuna, Lipshits-Braziler et al. (2016a) propuseram um modelo sobre as estratégias para lidar com a indecisão de carreira tomando como referências teóricas os modelos de confronto com o estresse de Skinner et al., (2003) e de Frydenberg e Lewis (1993). O

Strategies for Coping with Career Indecision (SCCI) Questionnaire foi construído no âmbito dos estudos sobre o modelo de estratégias para lidar com a indecisão de carreira e visa avaliar diversas dessas estratégias (Lipshits-Braziler et al., 2016a). Tendo em consideração que é essencial para o aconselhamento de carreira identificar as dificuldades que os estudantes sentem no processo de tomada de decisão, o objetivo central do presente estudo é o de proceder aos estudos de adaptação e de validação do SCCI Questionnaire em contexto português.

A Indecisão de Carreira

Questão central do comportamento vocacional, o processo de tomada de decisão tem consequências substanciais para o futuro pois impactam o status económico e social, estilo de vida e bem-estar emocional das pessoas (Amir & Gati, 2006). Esse processo tem se tornado ainda mais crítico quando se consideram os desafios e volatilidade do mercado de trabalho (Gati & Kulcsár, 2021; Savickas, 2011) que fazem com que as decisões de carreira não se restrinjam apenas a uma única escolha feita num ponto específico de tempo e sejam encaradas como um processo de adaptação contínuo (Lent, 2013).

Neste contexto, os estudantes de ensino superior confrontam-se com uma grande variedade de tarefas de desenvolvimento que interagem entre si (Fouad et al., 2006) e que estão imersas em cenários culturais, sociais e económicos caracterizados pela incerteza (Savickas, 2011). Enquanto alguns tomam decisões sem dificuldades aparentes, outros enfrentam altos níveis de ansiedade e de indecisão antes ou durante esse processo (Amir & Gati, 2006; Kang et al., 2020), as habilidades para lidar com as dificuldades podem ser insuficientes e gerar sofrimento psicológico (Fouad et al., 2006).

A indecisão de carreira é considerada um constructo complexo, integrando componentes individuais, normativas (Gati et al., 1996; Savickas, 2013) e contextuais (Krumboltz, 1992). De acordo com Gati et al. (1996) a indecisão de carreira deve ser encarada, não como um tipo de problema único, mas sim como um grupo de problemas e componentes distintos que levam a um mesmo resultado final, ou seja, a incapacidade de tomar uma decisão de carreira.

Inicialmente definida como um estado de indecisão sobre um caminho educacional, ocupacional ou de carreira (Osipow, 1999), as abordagens mais contemporâneas caracterizam a indecisão de carreira como experiências subjetivas que dão sentido a momentos de crise ao longo da vida (Savickas, 1995). Diante desta perspectiva, estar indeciso pode ser considerado adaptativo, pois esse estado de indecisão pode incentivar a reflexão, a pesquisa e considerações detalhadas sobre a escolha ou até mesmo, a mudança de carreira (Krumboltz, 1992). No entanto, a indecisão pode implicar impactos cognitivos disfuncionais crônicos relacionados tanto com a dinâmica da escolha de uma carreira como com as demais esferas da vida (Gati, 2013). Os dilemas e conflitos desencadeados por fatores individuais, relacionais e contextuais fazem com que a indecisão de carreira também seja caracterizada como uma experiência estressante e provocadora de ansiedade (Anghel & Gati, 2021; Argyropoulou et al., 2007; Lipshits-Braziler et al., 2016a; Miller & Rottinghaus, 2014). Além da decisão da escolha de carreira em si, que envolve, dentre muitos outros aspectos, negociar entre múltiplas opções de carreira e inúmeras considerações pessoais (Gati & Tal, 2008; Sauermann, 2005), tem-se a preocupação em fazer a escolha certa e lidar com as possíveis consequências futuras, caso o indivíduo se perceba em meio a uma má escolha (Lipshits-Braziler, 2018).

Em estudantes universitários, por exemplo, aspectos como o arrependimento e a comparação social são condições que impactam na certeza da escolha de carreira (Li et al., 2015) e quando indecisos e com menor sentido de significado de vida existe uma propensão mais elevada de se sentirem ansiosos (Miller & Rottinghaus, 2014). A propósito, ao abordarem a ansiedade e a intolerância relativas à indecisão de carreira, os estudos de Liao e Wei (2011) e Arbona et al. (2021) indicam que a ruminação negativa tem sido uma estratégia utilizada pelos estudantes universitários para lidar com o desconforto associado a indecisão, e embora o processo de ruminação não aumente diretamente as dificuldades de decisão de carreira, ele pode ter um efeito paralisante e, como consequência, elevar a ansiedade, que por sua vez, impacta nas dificuldades de tomada de decisão de carreira.

Estratégias de Coping e a Indecisão de Carreira

A literatura que aborda o estresse e a indecisão de carreira (e.g., Boo & Kim, 2020; Kang et al., 2020), aponta o coping como um dos constructos norteadores para o desenvolvimento de intervenções mais efetivas, pois, quando confrontados com circunstâncias ou eventos estressantes, como é o caso da indecisão de carreira (Amir & Gati, 2006; Kang et al., 2020), os indivíduos se predispõem a mobilizar várias estratégias de coping para conseguir enfrentar essas tarefas (Lazarus & Folkman, 1984; Skinner et al., 2003).

De maneira mais específica, o coping é definido por Lazarus e Folkman (1984) como esforços cognitivos e comportamentais em constante mudança utilizados pelas pessoas para gerir necessidades externas e ou internas específicas que sobrecarregam ou excedem os recursos individuais. Essa definição abrange o coping como orientado para um processo em detrimento da orientação como um traço, em especial, por considerar que os indivíduos, nas suas relações com o meio e situações específicas, estão em constante mudança.

Nesta configuração de coping como orientado para o processo, o foco recai em observar e avaliar como, de facto, os indivíduos pensam e agem em determinado contexto, e não como deveriam agir ou pensar sob intermédio de características ou propriedades pré-determinadas (Lazarus & Folkman, 1984). Os autores prestam especial atenção as particularidades e necessidades contextuais, pois, os pensamentos, estratégias ou ações de coping são comumente direcionados para situações particulares. Por isso, para avaliar ou identificar um pensamento ou ação de coping, é essencial perceber, com maior exatidão tanto quanto for possível, o que cada indivíduo está a enfrentar (Lazarus & Folkman, 1984).

O coping não é, de todo modo, um resultado, mas sim a possibilidade de escolha dos esforços para administrar determinada situação. Isso permite que o coping inclua qualquer estratégia, pensamento ou comportamento do repertório do indivíduo, independentemente de quão bem ou mal estas escolhas funcionem e sejam adaptativas para enfrentar o evento estressor. Cada escolha implica a possibilidade de organizar as condições

e necessidades contextuais estressantes no sentido de minimizá-las, evitá-las, tolerá-las ou, ainda, aceitá-las (Lazarus & Folkman, 1984).

Num estudo com jovens adultos, Perez e Gati (2017) descobriram que, apesar de o uso de estratégias produtivas não estar relacionado com uma menor dificuldade na decisão de carreira, o contrário, ou seja, o uso de estratégias de coping não produtivas, pode, de facto, mostrar-se desadaptativo e aumentar a indecisão de carreira.

Outro estudo com estudantes de ensino superior apontou que a utilização de estratégias de coping relacionadas com comportamentos de autoeficácia e que envolvam o estabelecimento de prioridades e objetivos, pode ser mais útil para gerir a ansiedade, resolução de conflitos e mais eficaz para lidar com a tomada de decisões de carreira. O estudo revelou ainda que os estudantes que fazem uso desse tipo de estratégias não se sentem ameaçados por ter que tomar uma decisão de carreira e sentem-se com controle pessoal sobre suas decisões, assim, segundo os autores, é pouco provável que experimentem ansiedade e consigam tomar uma decisão de carreira com mais facilidade (O'Hare & Tamburri, 1986).

Strategies for Coping with Career Indecision: O Modelo Teórico

Para avançar na compreensão de como os indivíduos lidam com a indecisão de carreira, Lipshits-Brazilier et al. (2016a) propuseram um modelo teórico que aponta as estratégias de confronto com a indecisão de carreira. O referido modelo foi desenvolvido com base nas teorias de coping e estresse de Skinner et al. (2003) e de Frydenberg e Lewis (1993).

Especificamente, Skinner et al. (2003) elaboraram uma ampla revisão de instrumentos de medida que avaliam o coping. Os autores consideraram cerca de 100 esquemas utilizados nos últimos 20 anos para analisar de que maneira os sistemas classificaram ou categorizaram o coping. Essa análise abrangeu aspectos como o público-alvo de destino, o domínio de aplicabilidade (específico ou geral) e o tipo de medida, se era questionário, entrevista ou observação. Os autores identificaram também o estressor, as categorias de confronto e os procedimentos pelos quais o conjunto de categorias foi derivado. Como resultado, Skinner

et al. (2003) elaboraram uma lista com 400 formas de coping, e estas, por sua vez, após o tratamento dos dados, foram reorganizadas em 12 categorias ou famílias de estratégias de confronto dos diferentes tipos de ameaças ou eventos estressores. Seis categorias consideraram respostas adaptativas ao estresse e nas outras seis, as respostas estavam associadas ao confronto desadaptativo (Skinner et al., 2003).

Para além disso, Lipshits-Brazilier et al. (2016a) basearam-se nos achados de Frydenberg e Lewis (1993), que, ao desenvolverem o *Adolescent Coping Scale* (ACS) sob a perspectiva conceitual de coping adotada por Lazarus & Folkman, (1984), descobriram que é possível agrupar diferentes estratégias de coping em três principais estilos. Estes três estilos representam, de maneira geral, dois estilos funcionais, relativos as tentativas diretas ou adaptativas para lidar com o evento estressor, com o sem referências a outras pessoas, e um estilo reconhecido como disfuncional, referente ao uso de respostas não produtivas para lidar com o problema (Frydenberg & Lewis, 1993; Lipshits-Brazilier et al., 2016a).

Como resultado da combinação desses pressupostos teóricos e práticos, ou seja, com o mesmo racional de Frydenberg e Lewis (1993) de agrupamento das diferentes categorias de confronto em três principais estilos, Lipshits-Brazilier et al. (2016a) adaptaram as 12 categorias de coping de Skinner et al. (2003) e a elas, adicionaram mais duas categorias, a saber: procura de apoio e procura de informação, e distribuíram todas as categorias nos três estilos de confronto. A estrutura do modelo proposto pelos autores, denominado *Strategies for Coping with Career Indecision*, ficou configurado conforme indicado na Tabela 1.

A estrutura do modelo proposto por Lipshits-Brazilier et al. (2016a) foi utilizada pelos mesmos autores para o desenvolvimento de um questionário identificado como *Strategies for Coping with Career Indecision - SCCI Questionnaire*.

Diante do exposto, e a fim de possibilitar avaliações empíricas das estratégias para o confronto da indecisão e ampliar o desenvolvimento de intervenções vocacionais direcionadas nas dificuldades e indecisão de carreira no contexto cultural de Portugal, o presente

Tabela 1. Estrutura do Modelo Strategies for Coping with Career Indecision

Estilos de confronto	Categorias de confronto	Definições
Confronto produtivo	Procura de informação instrumental	a procura ativa de informações adicionais relevantes para a tomada de decisão de carreira.
	Procura de informação emocional	a procura ativa de informações para reduzir a incerteza e ansiedade envolvidas na tomada de decisão de carreira, ou para se preparar emocionalmente para a tomada de decisão.
	Solução de problemas	quanto o indivíduo investe no planeamento, ao analisar as informações de maneira sistemática e comparar os possíveis resultados das várias alternativas.
	Flexibilidade	até que ponto o indivíduo está disposto a ser flexível nas suas preferências e a considerar compromissos em certos aspectos ou fatores.
	Adaptação/ Acomodação	o grau em que o indivíduo encontra uma maneira positiva de pensar sobre o desafio de tomar uma decisão de carreira.
Confronto “procura de suporte/apoio”	Autorregulação	até que ponto o indivíduo monitora e controla os sentimentos e pensamentos que impedem a tomada de decisão.
	Procura de suporte /ajuda instrumental	o grau em que o indivíduo procura a orientação, assistência e conselho de outras pessoas para obter ferramentas instrumentais para tomar a decisão.
	Procura de suporte /ajuda emocional	o grau em que o indivíduo procura apoio afetivo e compreensão de outras pessoas para lidar com as consequências emocionais da tomada de decisões de carreira, como ansiedade, estresse, preocupação, frustração.
Confronto não-produtivo	Delegação	o grau em que os indivíduos pedem a outros que tomem a decisão ou procurem respostas em seu nome, ou transferem a responsabilidade para outros.
	Fuga	as tentativas intencionais ou inconscientes do indivíduo de se afastar do processo por meio de evasão cognitiva ou comportamental, negação ou pensamento ansioso.
	Desamparo	os sentimentos do indivíduo de ser incapaz de fazer qualquer coisa para avançar a decisão, incluindo passividade, confusão e pessimismo.
	Isolamento	a tentativa do indivíduo de ocultar suas dificuldades dos outros e manter os sentimentos e preocupações associados à decisão para si mesmo.
	Submissão	o grau em que o indivíduo se concentra repetidamente nas características adversas ou desagradáveis da tomada de decisão de carreira, por meio de ruminação, perseverança rígida, pensamentos intrusivos e preocupação.
	Oposição	o quanto o indivíduo culpa os outros por dificultar a decisão ou projeta neles as causas das dificuldades.

Nota. Tradução livre. Lipshits-Braziler, Y., Gati, I., & Tatar, M. (2016a). Strategies for Coping with Career Indecision. *Journal of Career Assessment*, 1-25. <https://doi.org/doi:10.1177/1069072714566795>

estudo tem como objetivo analisar as qualidades metrológicas da versão portuguesa do Strategies for Coping with Career Indecision (SCCI) Questionnaire (Lipshits-Braziler et al., 2016a).

Método

Participantes

A amostra da investigação inicial abrangeu 1.065 estudantes de ensino superior de diferentes regiões de Portugal. Contudo, alguns critérios de elegibilidade foram estabelecidos *a priori* para a definição da amostra, a saber: (a) estudantes indecisos e com dificuldades em tomar uma decisão de carreira; (b) estudantes que relataram

estresse em ter que tomar essa decisão; (c) atender os critérios estabelecidos por Lipshits-Braziler et al. (2016a) relativos aos itens de validade, que, incorporados ao SCCI Questionnaire foram elaborados para avaliar se os indivíduos responderam apenas após uma leitura cuidadosa dos itens e após considerarem suas respostas e; (d) abranger amostra de jovens adultos, ou seja, estudantes com idades entre 18 a 34 anos (Arnett, 2000; Levinson, 1986; Lipshits-Braziler et al., 2016b).

Para atender os critérios (a) e (b) foram assumidos os dados recolhidos nas respostas de duas das três perguntas de triagem incluídas no próprio SCCI Questionnaire. Especificamente, os

respondentes avaliaram em uma escala de tipo *Likert* de 9 pontos, quão difícil é tomar uma decisão de carreira, onde 1 - *não é nada difícil* e 9 - *muito difícil* e o nível estresse percebido sobre a necessidade de escolher um curso ou uma carreira, onde 1 - *nada estressante* e 9 - *muito estressante*. Em ambas as perguntas, foram excluídos os respondentes que indicaram as opções 1 ou 2 da escala *Likert*.

Para o critério de elegibilidade (c) foram incluídas na amostra apenas as respostas na escala *Likert* que, para o item de validade 16 (É importante para mim escolher uma carreira adequada aos meus interesses e habilidades) foram >3 e para o item de validade 31 (Não me incomodaria se eu escolhesse uma carreira desadequada) <5 (Lipshits-Brazil et al., 2016a). Também foram excluídos da base de dados os respondentes que não estavam entre o intervalo de idade disposto no critério (d).

Assim, a amostra final totalizou 998 estudantes, 70% de respondentes do sexo feminino e 30% do sexo masculino com idades entre 18 e 34 anos ($M=21,86$; $DP=3,42$). Foram analisados dados recolhidos em 44 instituições de ensino superior e 223 cursos distintos, de 42% dos estudantes em cursos das Ciências Sociais, seguidos das Ciências da Engenharia e da Tecnologia com 23% e 13% das Humanidades. As demais áreas científicas, nomeadamente: Ciências Médicas e da Saúde (10%), Ciências agrárias (5%), Ciências naturais (4%) e Ciências exatas (2%) obtiveram menores ocorrências.

Instrumento

Strategies for Coping with Career Indecision (SCCI) Questionnaire, (Lipshits-Brazil et al., 2016a): Este questionário foi desenvolvido para avaliar as estratégias utilizadas para o confronto com a indecisão de carreira. Na sua décima versão, possui 45 itens e destes, 42 itens estão distribuídos por 14 categorias ou subescalas que, por sua vez, estão agrupadas em três principais escalas que indicam os estilos de confronto de indecisão de carreira, a saber: (a) estilo de confronto produtivo, que incluem estratégias que podem facilitar o confronto com a indecisão na carreira, como por exemplo, a exploração vocacional e a procura detalhada de informações vocacionais; (b) estilo de confronto ‘procura de

suporte / apoio’, que inclui estratégias que envolvem pedir ajuda a outras pessoas para lidar com a indecisão de carreira; e (c) estilo de confronto não produtivo, que inclui respostas que podem dificultar o confronto com a indecisão na carreira, como por exemplo, o desalento perante a escolha. Os autores incluíram ainda dois itens de validação para garantir que os indivíduos respondessem apenas depois de terem lido os itens com atenção e considerado suas respostas e, por fim, um outro item foi indicado como item de treino.

No questionário, o respondente avalia o quão bem cada item o descreve numa escala de tipo *Likert* de 9 pontos, 1 (*não me descreve no todo*) a 9 (*descreve-me muito bem*).

Estudos realizados com o SCCI Questionnaire com amostras distintas indicaram propriedades psicométricas adequadas (e.g., Boo & Kim, 2020; Lipshits-Brazil et al., 2016a).

Além da aplicação do SCCI Questionnaire na versão portuguesa, aplicou-se um formulário sociodemográfico para a caracterização da amostra.

Tradução do SCCI Questionnaire

A autorização para a validação do SCCI Questionnaire em contexto português foi concedida pelos autores a partir da versão em língua inglesa. A tradução dos itens do SCCI envolveu um total de seis pesquisadores com domínio nos idiomas inglês e português, familiarizados com o contexto cultural associado a amostra da pesquisa e com conhecimentos específicos relativos à psicologia vocacional e indecisão de carreira.

No geral, a tradução respeitou algumas etapas (Hambleton, 2005), a saber: a tradução do questionário do inglês para o português e sua posterior retrotradução, a definição das versões do questionário com itens mais adequados a considerar o consenso no que se refere ao uso léxico e semântico dos termos, com atenção especial ao significado dos itens quando comparados à versão original. Elaborou-se ainda uma avaliação em aspectos como a apresentação, as instruções para resposta, perguntas de triagem e a abrangência e adequação das expressões contidas nos itens. Vale ressaltar que não foram encontradas discordâncias significativas entre as versões traduzidas e retrotraduzidas.

Para definir uma versão final do SCCI Questionnaire, contou-se com a participação da equipa que elaborou a versão original do questionário (Lipshits-Brazil et al., 2016a). A equipa analisou uma versão preliminar do questionário em português e uma versão preliminar da retrotradução para o inglês. Foram indicadas algumas alterações, especificamente nos itens 12, 14 e 31 e que abrangeram apenas o campo léxico (termos) na versão retrotraduzida. Contudo, essas indicações não implicaram na alteração de aspecto semântico (significado) dos itens quando traduzidos para o português. Essa análise norteou a escolha da versão definitiva do SCCI Questionnaire em português.

Procedimentos

A investigação foi submetida e aprovada pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. A recolha de dados foi realizada on-line com base na plataforma Qualtrics (Qualtrics Surveys platform, version 1.2020, 2005) e disponibilizados aos participantes mediante acesso a um link enviado por e-mail. A duração de resposta para cada participante, foi em média, de 15 minutos.

Para recrutar os participantes, fez-se contacto por e-mail com os coordenadores/diretores dos cursos de licenciatura (58%), mestrado integrado (17%), mestrado (20%) e doutoramento (4%) de instituições de ensino superior de Portugal e foi solicitado que divulgassem a pesquisa aos seus alunos. Neste e-mail foram incluídas todas as informações relativas aos objetivos do estudo e as instruções para aceder ao inquérito da investigação.

A participação foi voluntária, sem qualquer incentivo financeiro vinculado e condicionada à aceitação do Termo de Consentimento Informado disponibilizado em formulário online antes do início da participação na investigação. A recolha de dados foi feita de forma a respeitar todos os requisitos éticos, sendo assim, feita de maneira confidencial e respeitando aos critérios de anonimato dos participantes.

Análise Estatística dos Dados

Numa primeira etapa, verificou-se a normalidade dos dados assumindo-se o critério para amostras maiores de 300 participantes, com

os valores de enviesamento absolutos de assimetria menores que 2 e de curtose menores que 7 (Kim, 2013).

Para analisar a validade de constructo e para explorar as interrelações da estrutura interna dos itens e das subescalas do SCCI Questionnaire, realizou-se uma análise de clusters hierárquica. As análises de clusters hierárquicas possibilitam uma descrição abrangente e simples de todo o intervalo de soluções de agrupamento, com medidas de similaridade para praticamente quaisquer tipos de variáveis. Permite ainda, analisar uma vasta gama de soluções alternativas ao variar as medidas de similaridade e métodos de ligação de uma maneira eficiente (Hair et al., 2009). No procedimento hierárquico de agrupamento aglomerativo (Everitt et al., 2011; Marôco, 2021a) elegeu-se o algoritmo de ligação média (no SPSS (IBM Corp., 2020) a opção ‘between-groups linkage’) para determinar a similaridade entre agrupamentos. Este método baseia-se na similaridade média entre todas as variáveis ou observações em um agrupamento e tende a gerar agregados com pouca variação interna e é menos afetado por observações atípicas (Hair et al., 2009). Relativo ao tipo de medida de proximidade (semelhança ou dissemelhança), fez-se uso da correlação de Pearson, por ser a medida de semelhança apropriada para agrupamento de variáveis (Carifio & Perla, 2008; Marôco, 2021a). Além disso, ao considerar o modelo teórico proposto por Lipshits-Brazil et al. (2016a), definiu-se como número de Clusters “naturais” (Marôco, 2021a) as 14 categorias de coping que também estão presentes no SCCI Questionnaire.

Para além da análise de clusters hierárquica, executou-se uma análise fatorial confirmatória para identificar o conjunto reduzido de fatores para explicar a estrutura correlacional observada entre o conjunto de itens (Marôco, 2021b) do SCCI Questionnaire. Por este motivo, a amostra total da investigação ($N = 998$) foi dividida de maneira aleatória (aproximadamente 50% (IBM Corp., 2020)) para cada uma das análises. Assim para a análise de cluster hierárquica foi utilizada uma amostra de 521 participantes e para a análise fatorial confirmatória a amostra foi de 496 participantes.

Para a análise fatorial confirmatória foram considerados os valores escalonados de Satorra-Bentler Scaled Chi-Squared Difference Test

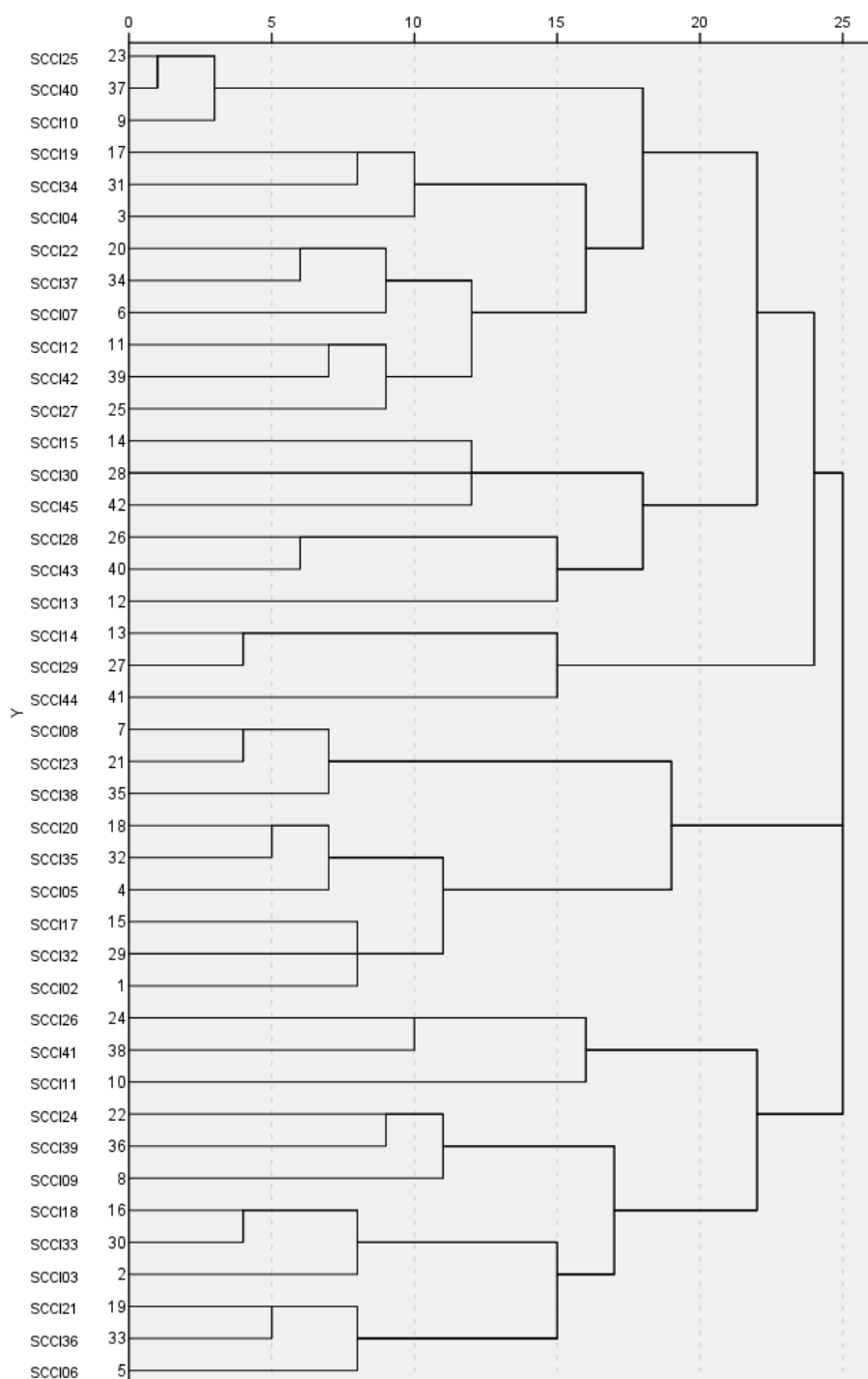


Figura 1. Dendrograma utilizando ligação média (entre grupos) – itens do SCCI – Questionnaire (N=521)

estimados utilizando a máxima verossimilhança (ML). Foram avaliados ainda o ajuste comparativo (CFI – Comparative Fit Index) e o Índice de Tucker-Lewis (TLI - Tucker-Lewis), ambos com ajustamento aceitável a considerar valores $>.9$ e a raiz quadrada média residual (RMSEA – Root Mean Square Error of Approximation) com Intervalo de confiança de 90% com limite superior $<.1$, $p\text{-value} \leq .05$ e valores para indicar um ajustamento aceitável

entre $.05$ a $.08$. Além disso, para avaliar a qualidade do modelo *per se*, analisou-se o resíduo quadrático médio padronizado (SRMR - Standardized Root Mean Square Residual) com valores $\leq .08$ (Marôco, 2021b).

A fiabilidade do SCCI Questionnaire foi avaliada mediante os cálculos dos Coeficientes de Alfa, (Cohen et al., 2014). Outra técnica alternativa para a busca de fiabilidade utilizada foi o Omega (McDonald, 1999). Os cálculos gerados

por este coeficiente são, dentre vários outros aspectos, mais estáveis e não depende do número de itens do instrumento avaliado (McDonald, 1999).

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com a utilização do SPSS (IBM Corp., 2020).

Resultados

Validade Relacionada com o Constructo

Para verificar a eventual existência de desvios da normalidade analisaram-se os valores absolutos de assimetria e curtose (Kim, 2013). A análise dos dados ($N=998$) das 14 subescalas, bem como das três escalas principais do SCCI Questionnaire indicou que os todos os valores se encontram dentro dos valores estipulados, ou seja, os dados apresentam uma distribuição próxima da normal.

Para explorar as interrelações da estrutura interna dos itens e das subescalas do SCCI Questionnaire realizou-se uma análise de clusters hierárquica e, como se pode verificar pela análise visual da Figura 1, cada um dos três itens que compõem cada uma das 14 subescalas foi claramente agrupado conforme esperado e de acordo com os resultados de Lipshits-Brazil et al. (2016a).

Análise da Precisão das Subescalas

As correlações entre as 14 subescalas do SCCI Questionnaire foram calculadas por meio do coeficiente de correlação de Pearson (ver Tabela 2).

A negrito, na Tabela 2, estão os valores do coeficiente de correlação iguais ou maiores que .5, que, segundo sugere Callegari-Jacques (2009), podem ser consideradas correlações moderadas ($.3 < r \leq .6$) a fortes ($.61 < r \leq .9$). Especificamente, na escala denominada estilo de confronto produtivo, a subescala *procura de informação instrumental* apresentou uma correlação significativa, moderada e positiva como as subescalas *procura de informação emocional* e *solução de problemas*, respetivamente $r = .56, p < .01$ e $r = .58, p < .01$ e o mesmo aconteceu entre as subescalas *adaptação/acomodação* e *autorregulação* que se correlacionaram moderadamente ($r = .50, p < .01$). Além destas, na escala de estilo de confronto não produtivo, a subescala *desamparo* apresentou uma correlação significativa, forte e positiva com as

subescalas *submissão* e *fuga*, respetivamente $r = .65, p < .01$ e $r = .69, p < .01$.

No estilo de confronto procura de suporte/apoio a subescala *procura de ajuda emocional* apresentou uma forte correlação com as subescalas *procura de ajuda instrumental* e *delegação*, respetivamente $r = .71, p < .01$ e $r = .52, p < .01$.

Entre as subescalas que se encontram em diferentes escalas, ou seja, os estilos de confronto de indecisão de carreira, os dados mostram que a subescala *autorregulação* apresenta uma correlação forte, mas negativa com a subescala *desamparo*, e essa correlação é significativa ($r = -.56, p < .01$).

As demais correlações entre as subescalas foram fracas ou nulas, alternando-se entre $r = .01$ a $r = .47$, e em sua grande maioria foram significativas e positivas. Estes dados sugerem uma relativa autonomia entre as subescalas.

A fiabilidade das 14 subescalas e das três escalas principais do SCCI Questionnaire foi avaliada por meio da análise da consistência interna, por meio do cálculo do valor de alfa de Cronbach e do coeficiente de Ômega (ver Tabela 3).

Os resultados da Tabela 3 indicam uma boa consistência interna do SCCI Questionnaire na versão portuguesa, sendo que apenas as subescalas *flexibilidade* (alfa de Cronbach (α) de .71 e ômega de .73), *adaptação/acomodação* (alfa de Cronbach (α) de .77 e ômega de .79) e *autorregulação* (alfa de Cronbach (α) de .77 e ômega de .77) apresentaram coeficientes menores de .8. As três principais escalas do questionário, também apresentaram coeficientes satisfatórios, a variar entre .75 a .82, seja no alfa de Cronbach ou no coeficiente de ômega.

Análise Fatorial Confirmatória

Por meio da análise fatorial confirmatória, buscou-se avaliar a qualidade de ajustamento de três modelos hipotéticos de medida teóricos relativos a estrutura correlacional observada entre os itens do SCCI Questionnaire (Marôco, 2021b). Ao seguir o racional dos autores do questionário (Lipshits-Brazil et al., 2016a), o primeiro modelo predispõe a existência de fatores latentes hierárquicos de ordem superior ou de segunda ordem. O modelo denominado H1:42-14-3, tem como hipótese que os 42 itens estão distribuídos

Tabela 2. Matriz de correlação das 14 categorias do SCCI Questionnaire (N=521)

	Confronto produtivo						Confronto procura de suporte/ apoio			Confronto não produtivo				
	II	IE	SP	Fl	Ad	Au	AI	AE	Del	Fu	Des	Is	Su	Op
II	—													
IE	.56**	—												
SP	.58**	.40**	—											
Fl	.26**	.21**	.47**	—										
Ad	.29**	.36**	.25**	.18**	—									
Au	.23**	.41**	.22**	.09*	.50**	—								
AI	.42**	.19**	.32**	.22**	.09*	.02	—							
AE	.23**	.13**	.22**	.22**	-.05	-.14**	.71**	—						
Del	-.07	-.06	.06	.14**	-.21**	-.24**	.33**	.52**	—					
Fu	-.32**	-.33**	-.08	.06	-.27**	-.38**	.09*	.25**	.39**	—				
Des	-.19**	-.27**	-.07	.08	-.37**	-.56**	.10*	.28**	.44**	.65**	—			
Is	-.16**	-.15**	-.01	.14**	-.15**	-.28**	-.16**	-.02	.18**	.39**	.47**	—		
Su	-.01	-.11*	.11**	.25**	-.20**	-.44**	.19**	.32**	.34**	.47**	.69**	.42**	—	
Op	-.04	-.08	.04	.02	-.09*	-.17**	.11*	.17**	.40**	.24**	.34**	.26**	.31**	—

Nota. A negrito as correlações iguais ou superiores a .5. II=Procura de informação instrumental, IE=Procura de informação emocional, SP=Solução de problemas, Fl=Flexibilidade, Ad=Adaptação/ Acomodação, Au=Autoregulação, AI=Procura de ajuda instrumental, AE=Procura de ajuda emocional, Del=Delegação, Fu=Fuga, Des=Desamparo, Is=Isolamento, Su=Submissão, Op=Oposição. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Tabela 3. Coeficientes de precisão do SCCI Questionnaire (N=521)

Dimensão/ categorias	M	SD	Cronbach's α	Omega
Estilo de confronto produtivo	6.07	1.2	.75	.76
Procura de informação instrumental	6.61	1.9	.87	.87
Procura de informação emocional	5.49	2.2	.87	.87
Solução de Problemas	6.54	1.7	.80	.80
Flexibilidade	6.33	1.7	.71	.73
Adaptação / Acomodação	6.32	1.7	.77	.79
Autoregulação	5.11	1.8	.77	.77
Estilo de confronto procura de suporte/ apoio	4.04	1.7	.77	.82
Procura de ajuda instrumental	5.41	2.1	.85	.85
Procura de ajuda emocional	4.20	2.2	.87	.87
Delegação	2.52	1.9	.88	.88
Estilo de confronto não produtivo	4.40	1.6	.79	.80
Fuga	4.77	2.3	.82	.83
Desamparo	4.43	2.2	.85	.85
Isolação	4.50	2.7	.93	.93
Submissão	5.95	2.1	.84	.84
Oposição	2.35	1.6	.80	.83

Nota. Média (M), desvio padrão (SD), e valores dos alfas de Cronbach e ômega.

em 14 subescalas e estas, por sua vez, estão organizadas em três principais estilos de confronto. Neste modelo, os 14 fatores de primeiro nível podem ser combinados em três fatores de segunda ordem.

Os outros dois modelos hipotéticos estão restritos a fatores de primeira ordem: no modelo H2:42-3, tem-se a hipótese de que os 42 itens são agrupados em três grupos principais, a saber: confronto produtivo, procura de suporte/ apoio e confronto não produtivo, sem, no entanto, serem organizados nas 14 categorias ou subescalas já referidas. E por fim, o modelo denominado H3:42-14, tem-se a hipótese que 42 itens estão agrupados nas 14 categorias, conforme indicado no modelo de Lipshits-Brazil et al.(2016a) (ver Tabela 1), sem a existência das três escalas

principais de confronto, especificamente, estilo de confronto produtivo, estilo de confronto procura de suporte/ apoio e estilo de confronto não produtivo. A Tabela 4 apresenta o resumo dos índices de qualidade do ajustamento dos modelos hipotéticos referidos.

Os dados da Tabela 4 suportam a hipótese relativa ao modelo denominado H3:42-14, com um ajustamento satisfatório em um modelo restrito a fatores de primeira ordem, onde os 42 itens estão distribuídos em 14 subescalas que representam as categorias de estratégias utilizadas para o confronto com a indecisão de carreira, especificamente (χ^2/df [1347.618/728]=9.81; [RMSEA]=.041; CFI=.947; TLI=.937; SRMR=.048). Já os demais modelos hipotetizados não foram suportados para a amostra portuguesa.

Tabela 4. Índices de ajuste para análises fatoriais confirmatórias do SCCI Questionnaire para amostra portuguesa (N=496)

Modelos	χ^2	df	CFI	RMSEA	TLI	SRMR
H1:42-14-3	2208.186**	805	.879	.059	.871	.116
H2:42-3	5891.947**	816	.563	.112	.539	.133
H3:42-14	1347.618**	728	.947	.041	.937	.048

Nota. df=Degrees of freedom; CFI=comparative fit index; RMSEA=root mean square error of approximation; TLI=Tucker-Lewis index; SRMR=standardized root mean square residual. A negrito os valores que indicam o ajustamento com melhor qualidade.

Discussão

O objetivo deste estudo foi o de buscar evidências de validade e precisão do SCCI Questionnaire em contexto português, especificamente com uma amostra de estudantes de ensino superior. O referido questionário dá suporte empírico ao modelo teórico abrangente denominado Strategies for Coping with Career Indecision que foi desenvolvido para avaliar as estratégias que os indivíduos utilizam para confrontar a indecisão que enfrentam no complexo processo de tomada de decisão de carreira.

O SCCI Questionnaire, na sua versão portuguesa, apresentou boa fiabilidade de consistência interna com coeficientes muito semelhantes as amostras americanas e hebraica de estudos anteriores (Lipshits-Brazil et al., 2016a). A análise de clusters hierárquica das 14 subescalas do SCCI Questionnaire corroborou com o agrupamento também apresentado por Lipshits-Brazil et al. (2016a) (ver Figura 1).

Ainda relativo à validade do constructo, as fracas correlações apresentadas entre a maioria das 14 subescalas (ver Tabela 2) indicam que, em geral, as variáveis latentes medem diferentes construtos, apesar de algumas correlações entre as subescalas serem fortes.

Sobre esse aspecto, destaca-se as correlações estatisticamente significativas, moderadas a fortes e positivas, como por exemplo, a subescala *procura de informação instrumental* que se correlacionou moderadamente com as subescalas *procura de informação emocional* e *solução de problemas*. Já é comprovado teoricamente (Super, 1995) que a busca de informações, seja de maneira ativa ou para reduzir a ansiedade, é uma variável indispensável para que o indivíduo consiga alcançar objetivos pessoais, planear seu futuro e resolver os problemas relativos à escolha

de uma carreira, o que pode justificar a forte correlação das categorias que envolvem estratégias de procura de informação e resolução de problemas.

A moderada correlação entre as subescala *adaptação/ acomodação* e *autorregulação* corrobora com algumas direções do estudo O'Hare e Tamburri (1986) que agrupam em um mesmo tipo de coping as estratégias de autorregulação, ou seja, comportamentos de autoeficácia e sensação de controle pessoal com as estratégias de adaptação/ acomodação, tais quais sugerem a noção de auto-conversa cognitiva construtiva em que a tomada de decisão é encarada de maneira positiva, reforçadora e racional, de modo que não seja mais um estressor.

Da mesma forma, as fortes correlações da subescala *desamparo* com as subescalas *submissão* e *fuga*, não são surpreendentes à luz do significado conceitual das referidas subescalas, visto que, por exemplo, o *desamparo* (ou seja, um conjunto de ações organizadas em torno de desistir ou renunciar ao controle) foi fortemente associado às estratégias teoricamente consideradas disfuncionais, como é o caso da *fuga* e *submissão* (Lipshits-Brazil et al., 2016a).

Os resultados das correlações significativas, fortes e positivas entre a subescala *procura de ajuda emocional* com as subescalas *procura de ajuda instrumental* e *delegação*, para além da associação entre os significados teóricos, corroboram com estudos como o de Carver et al. (1989) e Lipshits-Brazil et al. (2016a) que sugerem que, frequentemente, o uso desses diferentes tipos de estratégias relativas a suporte é fortemente correlacionado.

Outro aspecto a destacar é a correlação estatisticamente significativa e forte, porém, negativa, entre duas subescalas (*autorregulação* e *desamparo*), pertencentes a duas escalas ou estilos de confronto de indecisão distintos. Esse resultado

reflete o que se espera quando do uso de ambas, ou seja, essa forte correlação negativa pode significar que quanto mais uso de estratégias que expressem a autorregulação para lidar com a indecisão de carreira, menor o uso de estratégias relacionadas ao desamparo, ou seja, pessimismo e passividade como estratégias para lidar com a indecisão de carreira, e vice-versa (e.g., O'Hare e Tamburri, 1986).

Já os resultados da análise fatorial confirmatória suportaram a hipótese de apenas um modelo com ajustamento satisfatório, especificamente o modelo de primeira ordem (H3:42-14), no qual os 42 itens foram distribuídos em 14 subescalas que representam as categorias previamente definidas de estratégias para confrontar a indecisão de carreira, contudo, sem a distinção hipotética entre os três principais estilos de confronto, ou seja, fatores de segunda ordem, conforme indicado na versão original do questionário. Os ajustamentos não adequados, em especial dos modelos de ordem superior, podem ser justificados com os argumentos Skinner et al. (2003) que ressaltam que a identificação de categorias dessa ordem para classificar instâncias reais de coping em tipos de ação conceitualmente claros e mutuamente exclusivos é uma tarefa mais complexa do que a elaboração das categorias de coping de ordem inferior ou de primeira ordem, seja porque as formas de coping são multidimensionais ou porque uma mesma categoria de coping poderá ter muitas funções. E, apesar de já se terem dados que comprovem o bom ajustamento do modelo em outras amostras (Boo & Kim, 2020; Lipshits-Brazilier et al., 2016a) a complexidade do modelo, em especial quando de segunda ordem, não respondeu bem à amostra de estudantes de ensino superior portuguesa.

De maneira geral, de acordo com Boo e Kim (2020), os estudos que atentam as estratégias de coping são motivados pela crença de que, em uma mesma cultura, algumas estratégias são mais ou menos eficazes na promoção e prevenção do bem-estar emocional e na abordagem e resolução de problemas que causam sofrimento, como é o caso da indecisão de carreira.

Nesse sentido, evidencia-se a importância do processo de tradução e adaptação de diferentes tipos de questionários que avaliem diferentes

construtos, por possibilitar que um mesmo instrumento alcance uma aplicabilidade e domínio mais amplos. Além disso, torna-se possível conduzir uma avaliação ou intervenções psicológicas direcionadas às especificidades de cada cultura e, quando forem pertinentes, são possíveis também, a comparações transculturais (International Test Commission, 2017).

Uma das limitações deste estudo está associada a definição de coping, em especial quando se assume a abordagem do coping como orientado para o processo. Isso porque nesta abordagem são evidenciadas as componentes adaptativa e mutável da escolha de esforços cognitivos e comportamentais para gerir o evento estressor (Lazarus & Folkman, 1984). Contudo, o aspecto transversal inerente ao método de recolha de dados desta investigação limita o acesso a informações de um processo que é dinâmico, tal qual o desenvolvimento de carreira e, conseqüentemente, essa limitação temporal pode impactar em quais estratégias os estudantes universitários utilizam para lidar com a indecisão ao longo do tempo em que o processo de desenvolvimento de carreira ocorre. Estudos longitudinais e avaliações repetidas podem fornecer informações importantes, como por exemplo, quais seriam os impactos do tempo na escolha de estratégias para lidar com a indecisão de carreira, buscando, inclusive investigar se as estratégias definidas por Lipshits-Brazilier et al. (2016a) são adequadas e ainda, quais seriam as estratégias mais eficazes, visto que nem todos os estudantes enfrentam as mesmas dificuldades para a tomada de decisão.

Adicionalmente, pesquisas futuras se fazem essenciais para fornecer informações relativas à validação do questionário, a exemplo a validade convergente, divergente ou preditiva do SCCI Questionnaire. Além disso, a considerar que se trata de uma medida recente, uma nova análise para confirmar a estrutura fatorial relativa ao modelo do SCCI em amostra com populações distintas em Portugal também é importante.

Relativo as implicações práticas para a psicologia vocacional, os resultados indicam que é possível tornar disponível em Portugal uma ferramenta que pode auxiliar os estudantes de ensino superior a identificarem quais estratégias de coping utilizam para confrontar os desafios de

tomar decisões de carreira, em especial, quando estão imersos em um cenário volátil economicamente no qual as trajetórias de carreira se tornam cada vez mais instáveis e processo de escolha se torna um evento estressor (Lee, 2005).

No que confere as intervenções de carreira, o SCCI Questionnaire pode fornecer aos psicólogos vocacionais informações importantes a serem utilizadas nas intervenções, com atenção especial em estimular o estudante de ensino superior a escolher estratégias de coping mais produtivas, bem como, refletir sobre as potenciais desvantagens do uso de estratégias não produtivas para lidar com a indecisão de carreira (Perez & Gati, 2017).

Referências

- Amir, T., & Gati, I. (2006). Facets of career decision-making difficulties. *British Journal of Guidance and Counselling*, 34(4), 483-503. <https://doi.org/10.1080/03069880600942608>
- Anghel, E., & Gati, I. (2021). The associations between career decision-making difficulties and negative emotional states. *Journal of Career Development*, 48(4), 537-551. <https://doi.org/10.1177/0894845319884119>
- Arbona, C., Fan, W., Phang, A., Olvera, N., & Dios, M. (2021). Intolerance of uncertainty, anxiety, and career indecision: A mediation model. *Journal of Career Assessment*, 1-18. <https://doi.org/10.1177/10690727211002564>
- Argyropoulou, E. P., Sidiropoulou-Dimakakou, D., & Besevegis, E. G. (2007). Generalized self-efficacy, coping, career indecision, and vocational choices of senior high school students in Greece: Implications for career guidance practitioners. *Journal of Career Development*, 33(4), 316-337. <https://doi.org/10.1177/0894845307300412>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Barros, A. (2020). Características psicométricas da adaptação portuguesa do Explora: Questionário para a Orientação de Carreira. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 2(55), 19-30. <https://doi.org/10.21865/RIDEP55.2.02>
- Boo, S., & Kim, S. (2020). Career indecision and coping strategies among undergraduate students. *Journal of Hospitality & Tourism Education*, 32(2), 63-76. <https://doi.org/10.1080/10963758.2020.1730860>
- Braunstein-Bercovitz, H., Benjamin, B. A., Asor, S., & Lev, M. (2012). Insecure attachment and career indecision: Mediating effects of anxiety and pessimism. *Journal of Vocational Behavior*, 81(2), 236-244. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2012.07.009>
- Callegari-Jacques, S. M. (2009). *Bioestatística: Princípios e aplicações*. Artmed.
- Carifio, J., & Perla, R. (2008). Resolving the 50-year debate around using and misusing Likert scales. *Medical Education*, 42(12), 1150-1152. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2923.2008.03172.x>
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Weintraub, J. K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(2), 267-283. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.56.2.267>
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica: Introdução a testes e medidas* (8th ed.). McGraw-Hill.
- Everitt, B. S., Landau, S., Leese, M., & Stahl, D. (2011). *Cluster analysis* (5th ed.). Wiley.
- Fouad, N. A., Guillen, A., Harris-Hodge, E., Henry, C., Novakovic, A., Terry, S., & Kantamneni, N. (2006). Need, awareness, and use of career services for college students. *Journal of Career Assessment*, 14(4), 407-420. <https://doi.org/10.1177/1069072706288928>
- Frydenberg, E., & Lewis, R. (1993). Things don't get better just because you're older: A case for facilitating reflection. *British Journal of Educational Psychology*, 69(1), 81-94. <https://doi.org/10.1348/000709999157581>
- Gati, I. (2013). Advances in career decision making. In W. B. Walsh, M. L. Savickas, & P. J. Hartung (Eds.), *Handbook of vocational psychology: Theory, research, and practice*

- (pp. 183-215). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Gati, I., & Kulcsár, V. (2021). Making better career decisions: From challenges to opportunities. *Journal of Vocational Behavior, 26*.
<https://doi.org/10.1016/j.jvb.2021.103545>
- Gati, I., Krausz, M., & Osipow, S. H. (1996). A taxonomy of difficulties in career decision making. *Journal of Counseling Psychology, 43*(4), 510-526.
<http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.43.4.510>
- Gati, I., & Tal, S. (2008). Decision-making models and career guidance. In J. A. Athanassou & R. Van Esbroeck (Eds.), *International handbook of career guidance* (pp. 157-185). Springer.
- Hair, J. F., Jr., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6th ed.). Artmed.
- Hambleton, R. K. (2005). Issues, designs, and technical guidelines for adapting tests into multiple languages and cultures. In R. K. Hambleton, P. F. Merenda, & C. D. Spielberger (Eds.), *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment* (pp. 3-38). Lawrence Erlbaum.
- Harren, V. A. (1979). A model of career decision making for college students. *Journal of Vocational Behavior, 14*(2), 119-133.
[https://doi.org/10.1016/0001-8791\(79\)90065-4](https://doi.org/10.1016/0001-8791(79)90065-4)
- Holland, J. L., & Holland, J. E. (1977). Vocational indecision: More evidence and speculation. *Journal of Counseling Psychology, 24*(5), 404-414.
<https://doi.org/10.1037/0022-0167.24.5.404>
- IBM Corp (2020). Released, IBM SPSS Statistics for Windows (Version 27.0). [Computer software]. IBM Corp.
- International Test Commission. (2017). *The ITC guidelines for translating and adapting testes* (2nd ed.). <https://www.intestcom.org/>
- Janeiro, I. N. (2012). O Inventário de Perspectiva Temporal: Estudo de validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica, 2*(34), 117-132.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=459645438006>
- Janeiro, I. N., Mota, L. P., & Ribas, A. M. (2014). Effects of two types of career interventions on students with different career coping styles. *Journal of Vocational Behavior, 85*, 115-124.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2014.05.006>
- Kang, M., Lee, J., & Lee, A-R. (2020). The effects of college students' perfectionism on career stress and indecision: Self-Esteem and coping styles as moderating variables. *Asia Pacific Education Review, 21*(2), 227-243.
<https://doi.org/10.1007/s12564-019-09609-w>
- Kelly, K. R., & Lee, W. C. (2002). Mapping the domain of career decision problems. *Journal of Vocational Behavior 61*(2), 302-326.
<https://doi.org/10.1006/jvbe.2001.1858>
- Kim, B. (2019). Development and psychometric evaluation of the Career Flexibility Inventory. *Korean Journal of Counseling, 20*(4), 113-131.
<https://doi.org/10.15703/kjc.20.4.201908.113>
- Kim, H. Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: assessing normal distribution (2) using skewness and kurtosis. *Restorative dentistry & endodontics, 38*(1), 52-54.
<https://doi.org/10.5395/rde.2013.38.1.52>
- Krumboltz, J. D. (1992). The wisdom of indecision. *Journal of Vocational Behavior, 41*(3), 239-244.
[https://doi.org/10.1016/0001-8791\(92\)90025-U](https://doi.org/10.1016/0001-8791(92)90025-U)
- Krumboltz, J. D. (2009). The happenstance learning theory. *Journal of Career Assessment, 17*(2), 135-154.
<https://doi.org/10.1177/1069072708328861>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. Springer.
- Lee, K. (2005). Coping with career indecision: Differences between four career choice types. *Journal of Career Development, 31*(4), 279-289.
<https://doi.org/10.1177/089484530503100405>
- Lent, R. W. (2013). Career-life preparedness: Revisiting career planning and adjustment in the new workplace. *The Career Development Quarterly, 61*(1), 2-14.
<https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.2013.00031.x>
- Levinson, D. J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist, 41*(1), 3-13.
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.41.1.3>
- Li, X., Hou, Z.-J., & Jia, Y. (2015). The influence of social comparison on career decision-making: Vocational identity as a moderator and regret as a mediator. *Journal of Vocational Behavior, 86*, 10-19.

- <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2014.10.003>
- Liao, K. Y., & Wei, M. (2011). Intolerance of uncertainty, depression, and anxiety: The moderating and mediating roles of rumination. *Journal of Clinical Psychology, 67*(12), 1220-1239. <https://doi.org/10.1002/jclp.20846>
- Lipshits-Braziler, Y. (2018). Coping with career indecision among young adults: Implications for career counseling. In V., Cohen-Scali, & J., Rossier, L. Nota, (Eds.), *New perspectives on career counseling and guidance in Europe: Building careers in changing and diverse societies* (pp. 71-86). <https://doi.org/10.1007/978-3-319-61476-2>
- Lipshits-Braziler, Y., Gati, I., & Tatar, M. (2016a). Strategies for coping with career indecision. *Journal of Career Assessment, 24*(1), 42-66. <https://doi.org/10.1177/1069072714566795>
- Lipshits-Braziler, Y., Tatar, M., & Gati, I. (2016b). The effectiveness of strategies for coping with career indecision: Young adults' and career counselors' perceptions. *Journal of Career Development, 44*(5), 453-468. <https://doi.org/10.1177/0894845316662705>
- Marôco, J. (2021a). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3th ed.). Sílabo.
- Marôco, J. (2021b). *Análise de equações estruturais fundamentos teóricos, software e aplicações* (3th ed.). ReportNumber.
- McDonald, R. P. (1999). *Test theory: A unified treatment*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Miller, A. D., & Rottinghaus, P. J. (2014). Career indecision, meaning in life, and anxiety: An existential framework. *Journal of Career Assessment, 22*(2), 233-247. <https://doi.org/10.1177/1069072713493763>
- Multon, K. D., Heppner, M. J., Gysbers, N. C., Zook, C., & Ellis-Kalton, C. A. (2001). Client psychological distress: An important factor in career counseling. *The Career Development Quarterly, 49*(4), 324-335. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.2001.tb00960.x>
- O'Hare, M. M., & Tamburri, E. (1986). Coping as a moderator of the relation between anxiety and career decision making. *Journal of Counseling Psychology, 33*(3), 255-264. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.33.3.255>
- Osipow, S. H. (1999). Assessing career indecision. *Journal of Vocational Behavior, 55*(1), 147-154. <https://doi.org/10.1006/jvbe.1999.1704>
- Perez, M., & Gati, I. (2017). Advancing in the career decision-making process: The role of coping strategies and career decision-making profiles. *International Journal for Educational and Vocational Guidance, 17*(3), 285-309. <https://doi.org/10.1007/s10775-016-9334-x>
- Qualtrics Surveys platform (version 1.2020) (2005). [Computer software]. Qualtrics Labs, Inc. Provo, Utah, USA.
- Sauermann, H. (2005). Vocational choice: A decision making perspective. *Journal of Vocational Behavior, 66*(2), 273-303. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2004.10.001>
- Savickas, M. L. (1995). Constructivist counseling for career indecision. *The Career Development Quarterly, 43*(4), 363-373. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.1995.tb00441.x>
- Savickas, M. L. (2011). New questions for vocational psychology: Premises, paradigms, and practices. *Journal of Career Assessment, 19*(3), 251-258. <https://doi.org/10.1177/1069072710395532>
- Savickas, M. L. (2013). Career construction theory and practice. In R. W. Lent, & S. D. Brown (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (2nd ed., pp. 147-183). John Wiley & Sons.
- Skinner, E. A., Edge, K., Altman, J., & Sherwood, H. (2003). Searching for the structure of coping: A review and critique of category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin, 129*(2), 216-269. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.2.216>
- Skrbiš, Z., & Laughland-Booÿ, J. (2019). Technology, change, and uncertainty: Maintaining career confidence in the early 21st century. *New Technology, Work and Employment, 34*(3), 191-207. <https://doi.org/10.1111/ntwe.12151>
- Super, D. E. (1995). Models of career development [International Conference]. *Career guidance services for de 90's*, Lisboa.